

15 ABR 1996

Aprendendo com os erros

6 Con. Brasil

Entre seu lançamento e sua consolidação, os programas de estabilização como os colocados em prática em países latino-americanos nos últimos anos provocam grandes mudanças na economia, o que muitas vezes exige agilidade, coragem e discernimento dos administradores das empresas privadas. Nem sempre, porém, a reação tem a rapidez requerida pelas circunstâncias. "Não fomos capazes de prever e reagir rápida e adequadamente aos eventos ocorridos", afirmam, numa atitude inédita, os administradores da empresa Artex, de Santa Catarina, no relatório aos acionistas sobre o desempenho da companhia no ano passado, quando o prejuízo chegou a R\$ 19,7 milhões.

Um resumo do que aconteceu de julho de 1994, quando o Plano Real foi colocado em prática, até agora basta para mostrar a velocidade das mudanças. A primeira e mais notável alteração foi no ritmo da inflação, que, entre junho e agosto de 1994, despencou da média de 45% ao mês para um nível inferior a 2%, no qual vem se mantendo até agora. O fim da superinflação implicou o fim, também, do período de lucros financeiros altíssimos proporcionados por aplicações que não envolviam riscos.

Só isso já importa aos diretores das empresas a tarefa árdua de reorientá-las para a busca dos lucros a partir de sua atividade principal — e não mais da círanda financeira. A reorientação, além disso, teria de ser feita num ambiente em rápida transformação, não apenas por causa da busca queda da inflação, mas também em consequência de decisões do governo com o objetivo de fortalecer o plano de estabilização ou de corrigir seus rumos.

Embora estivessem acostumados a atuar numa economia que até recentemente foi marcada pelo forte intervencionismo estatal, as empresas sentiram o impacto das medidas essenciais do Plano Real e também daquelas que o governo colocou em prática de julho

de 1994 para cá. A política cambial, por exemplo, considerada a principal âncora do Plano Real, reduziu o poder de intervenção do Banco Central, resultou na valorização da moeda nacional em relação ao dólar e acabou com o sistema de correções automáticas. Do lado comercial, o governo facilitou a entrada de produtos estrangeiros no País, para evitar uma crise de abastecimento que poderia resultar em pressões sobre os preços.

Empresas que exportam tiveram de compensar o fim das vantagens da antiga política cambial com o aumento da produtividade. Também as empresas voltadas para o mercado interno tiveram de ganhar eficiência para enfrentar a concorrência dos produtos importados.

É provável que a Artex esteja nos dois casos. Para dificultar ainda mais sua situação, o governo restrin-
giu o crédito interno e elevou os juros com o objetivo de conter a demanda interna. Conseguiu. O resultado foi a redução da atividade econômica.

"A companhia não se preparou para a modificação do quadro econômico ocorrida no segundo semestre de 1995", informam os administradores da Artex. Eles assumem suas responsabilidades — e não tentam transferi-las para o governo, embora seja preciso des-
tacar que a ação governamental, nesta fase do Plano Real, vem impondo pesados custos para as empresas e para os trabalhadores, o que nos leva a perguntar se já não é tempo de se pensar em alívios mais rápidos do que os que estão sendo oferecidos.

A direção da Artex anuncia que está tirando as lições devidas dos erros. Modernização, atenção à concorrência em escala mundial, treinamento de sua equi-
pe estão entre as medidas em curso para recolocar a empresa no caminho do lucro — num ambiente econômico que, esperamos, seja marcado pela estabilidade e pela prevalência das regras de mercado.